Peace

Moçambique: impasse gera pressões externas

O impasse em que caíram as iniciativas de paz para Moçambique tem estado a suscitar manifestações internacionais de desagrado — embora discretas — junto do Governo de Maputo. Tais gestos, na sua maioria protagonizados por países ocidentais, têm também sido acompanhados de pressões com vista a uma aceleração das reformas políticas e económicas em Moçambique.

Nas últimas semanas o Presidente **Joaquim Chissano** tem-se desdobrado em comícios para os quais leva um discurso-padrão que se nalguns aspectos se destina a consumo **interno** (pôr em evidência o apoio popular à Frelimo, acicatar o repúdio à Renamo), também visa **amortecer** as pressões internacionais provocadas pela estagnação do processo de paz.

A «gaffe» de Joaquim Chissano, quando em **meados** de Outubro disse que o seu Governo estava apto a combater a Renamo «até à vitória final» (Inf. n.° 9, pág. 7) foi **corrigida** duas semanas depois, na Beira, quando ele disse que na resolução do conflito **«o aspecto principal é o aspecto político, o militar é secundário»**. O cenário de uma vitória militar sobre a Renamo **não** é aceite **internacionalmente**.

O Governo de Maputo tem até agora contado com um apoio internacional — político e económico — suficientemente **expressivo** não só para conseguir minorar os efeitos da grave crise em que o país está mergulhado devido ao **colapso** da sua economia, como também para lhe dar **vantagens** na luta contra a Renamo, especialmente no plano **diplomático**.

No entanto, a compreensão e a **generosidade** dos parceiros de Moçambique — os que lhe asseguram as ajudas económicas e os apoios diplomáticos — começam a dar mostras de não ser **desinteressadas** nem ilimitadas no tempo. Antes, visam também carrear influências que permitam aos doadores retirar **dividendos**, designadamente através da criação de interesses económicos no país.

Isto explica que a arrastada **ausência** de perspectivas de paz (sem a qual os projectos económicos não passam do plano das intenções) esteja a provocar sinais cada vez mais nítidos de **impaciência** entre os doadores. Este fenómeno já tinha sido detectado em **Março** (Inf. n.° 2, pág. 11), numa altura em que também foram conhecidas algumas pressões sobre Maputo, tendo em vista a resolução política do conflito.

Para o próximo ano Moçambique solicitou um auxílio internacional de **1 200 milhões** de dólares (**900** milhões para financiar importações e **300** milhões para o serviço da dívida). Numa conferência que recentemente se realizou em **Paris** tendo em vista a montagem da operação, foram notórias algumas **reticências** da parte de fontes tradicionais.

Nas conversas de corredor da conferência foram feitos desabafos tais como o de que as volumosas ajudas a Moçambique estão afinal **a contribuir** para prolongar **artificialmente** a guerra. De resto, nos seus comícios, Joaquim Chissano insiste sempre no argumento de que **é** a Renamo que **não** está interessada numa solução de paz.

De qualquer modo, o que também é verdade é que há uma noção internacionalmente **generalizada** de acordo com a qual as propostas negociais de Maputo são muito **estreitas** face à magnitude do conflito. Em linhas gerais, a Frelimo não quer abrir mão do **monopólio** do poder e limita-se a aceitar «reintegrar» a RENAMO na sociedade, num gesto de **clemência**.

A **URSS**, por exemplo, considera pouco flexíveis (Inf. n.° 4, pág. 7) as condições básicas de negociação de Maputo. E países como a **África do Sul, Inglaterra, Itália, França e EUA** têm uma visão semelhante da questão. Considera-se que o horizonte negocial aceite por Maputo não é compatível com a **representatividade** da Renamo.

Em relação aos países ocidentais é no entanto notória uma certa **cautela** nas suas pressões sobre Moçambique. Isto é uma consequência de análises segundo as quais é preciso não forçar a ala **moderada** da Frelimo (mais identificada com uma solução política para a guerra) de modo a não provocar rupturas com os **radicais**.

RENAMO TAMBÉM — As causas da suspensão do diálogo que a partir de **15 de Agosto** foi estabelecido entre as duas partes são igualmente **atribuídas** à Renamo. Em fins de Outubro, depois de algumas advertências nesse sentido (Inf. n.° 9, pág. 7) o líder da organização, **Afonso Dhlakama**, abandonou Nairobi de regresso às bases da Renamo em Moçambique. Na capital queniana ficaram no entanto **Vicente Ululu** e **João Almirante**.

As informações prevalecentes indicam que Dhlakama estava ultimamente a revelar uma **rigidez** negocial contrastante com uma certa **maleabilidade** inicial. Funcionários moçambicanos que se deslocaram a Nairobi, em meados de Outubro, relataram depois que Dhlakama tinha feito «exigências excessivas». Também o Bispo da Beira, **D. Jaime Gonçalves** (ao qual são atribuídas simpatias pela Renamo), chegou a uma conclusão equivalente à dos funcionários.

Afonso Dhlakama nunca transigiu em relação a pontos essenciais das propostas da Renamo tais como a **retirada** das tropas zimbabweanas, a formação de um **governo** provisório e a realização de **eleições** livres. Mas houve um recuo na flexibilidade com que inicialmente eram encaradas as modalidades de aplicação de tais princípios. Também passou a rejeitar **liminarmente** o papel hegemónico da Frelimo.

Embora sem que sejam conhecidas precisões, sabe-se que na África do Sul, inclusivamente em meios **militares**, a aparente rigidez negocial da Renamo provocou reacções **desfavoráveis**. Um alto funcionário do MNE sul-africano, **Van Heerden**, que se encontrou em Nairobi com Dhlakama, em Outubro, disse-lhe que ele deveria ter sido «mais colaborante».

Este encontro foi precedido de um episódio relativamente **humilhante** para Van Heerden: Dhlakama fê-lo esperar cerca de seis horas até o receber. Desde que **Frederik de Klerk** é Presidente, os militares sul-africanos têm visto redobrar os **obstáculos** ao prosseguimento das suas ligações e do seu apoio à Renamo. Um «desk» que na **Contra-Inteligência Militar** se ocupava de tal matéria foi praticamente **desactivado**.

A ESTRELA DE DHLAKAMA

— Ao longo dos cerca de dois meses que permaneceu em Nairobi, Dhlakama avistou-se com um elevado número de **personalidades** de vários países. De uma maneira geral, as reacções dos interlocutores de Dhlakama tiveram um sentido valorizador da sua **personalidade** e das suas **capacidades** de liderança. Isto constituiu uma **negação** do retrato nada abonatório que a propaganda de Maputo traça de Dhlakama.

O presidente **Arap Moi**, do Quénia, tem dito em privado que Dhlakama é um homem muito mais **válido** e **honesto** do que a Frelimo o descreve. A mesma constatação foi feita por embaixadores e outros funcionários governamentais (**EUA, Portugal, Inglaterra, França** e até a **URSS**) que com ele contactaram. Os próprios dignitários **religiosos** moçambicanos que com ele se encontraram chegaram à mesma conclusão.

Este facto levou naturalmente Dhlakama a atribuir-se a ele próprio e à sua causa uma importância **adicional** — aumentando assim a

sua parada negocial. O rasto que deixou em Nairobi foi o de um líder **seguro** de si e **determinado** na defesa de ideias que ainda por cima são **fáceis** de passar, tais como a das eleições livres. Por outro lado, esta revalorização de Dhlakama acabou por constituir um embaraço para Maputo.

Aliás, na estratégia do Governo, tendo em vista conseguir uma solução para o conflito que não implique uma **partilha** formal do poder com a Renamo, tem estado a aparecer um elemento novo e sintomático: lançar o **descrédito** sobre Dhlakama, descrevendo-o como uma figura sem escrúpulos e movida por **obscuros** interesses. O SNASP recebeu instruções para investigar a trajectória de Dhlakama e descobrir aspectos para ele **comprometedores**.

Um afloramento deste objectivo tem já vindo a aparecer. A partir da ideia-chave de que Afonso Dhlakama «deve ser condenado», Chissano fez no seu mais recente comício, o da Beira, algumas referências significativas ao líder da Renamo: as suas mulheres e os seus filhos vivem na África do Sul; no passado **roubou** cimento num quartel da Frelimo; foi treinado por **Jorge Jardim**; **não** quer a paz; está ao serviçço de interesses **estrangeiros**.

NO TERRENO — A alegada crispação negocial de Dhlakama é igualmente atribuída a outros factores: **menospreza** as capacidades do Governo, designadamente no aspecto militar e do apoio da população; fala da **má fé** da Frelimo e de planos de Maputo para o **eliminar** fisicamente (Inf. n.° 8, pág. 9); em especial, considera as suas próprias vantagens militares.

Neste último caso, as **dúvidas** que existiam em Outubro quanto à **consolidação** dos resultados alcançados nas operações militares conjuntas do exército governamental, as **FAM** e de tropas **zimbabweanas**, começaram a confirmar-se. As posições então ocupadas à Renamo nas províncias de **Sofala**, **Zambézia** e **Tete** estão na sua maioria isoladas, como «bolsas» implantadas em zonas cujo **controlo** é, de facto, exercido pela Renamo.

A tomada destas posições, em que tropas de assalto e a aviação do Zimbabwe tiveram um papel **preponderante**, não foi secundada com operações de limpeza zonal, especialmente destinadas a **aliviar** a pressão sobre elas e a manter abertas as linhas de abastecimento **logístico**. A reabertura da estrada **Chimoio-Tete** é ainda o mais palpável resultado das operações.

Estimativas recentes indicam que cerca de **90 por cento** das iniciativas militares cabem à Renamo (média de 35 acções por mês). As últimas semanas ficaram também assinaladas por uma acentuação da pressão militar da Renamo sobre a província de **Maputo**. Além das habituais **sabotagens** das linhas de transporte de energia à capital, registaram-se golpes de mão contra importantes quartéis das FAM (**Magude**, entre outros). Forças da Renamo chegaram mesmo a penetrar no Bairro da **Machava**, arredores da capital.

As melhores análises acerca da situação continuam a não reconhecer às FAM condições **mínimas** para conter a Renamo, tendo em conta os problemas de operacionalidade com que se debatem (Inf. n.° 6, pág. 7). As tropas do Zimbabwe, agora cerca de 16 000, continuam a ser a espinha dorsal do sistema de defesa de Moçambique e a sua retirada teria consequências consideradas **imprevisíveis**.